

3. Com a chegada da COVID-19 tudo mudou

Maiara laparrá Muré

Me chamo Maiara laparrá Muré, tenho 26 anos, sou indígena do povo Palikur-Arukwayene, moro em Oiapoque, no Amapá. Sou aluna do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena da UNIFAP (Universidade Federal do Amapá). Antes da pandemia eu estava contente, tinha sido selecionada para integrar o Programa de Educação Tutorial (PET) e eu estava com muitas expectativas, pois nossa tutora tinha montado uma agenda cheia de trabalhos para realizarmos durante o período de março. Também tinha minha agenda pessoal: viajar para a Aldeia Kumenê, onde eu iria iniciar pesquisas relacionadas ao meu TCC (Trabalho de Conclusão de Curso), além de visitar minha família. Era março, início do ano letivo nas escolas do Oiapoque, minhas irmãs estavam contentes para o início das aulas e meus filhos iriam para a escola pela primeira vez.

Com a chegada da COVID-19 tudo mudou! Eu não sabia da propagação dessa doença e de tudo que estava acontecendo no mundo. Somente quando assisti o noticiário local, falando do primeiro caso no Amapá, é que comecei a entender... Logo recebemos uma mensagem da nossa professora para uma reunião do PET. Ela falou do vírus, de como a doença estava tirando a vida de pessoas no mundo todo e da preocupação em relação a nós, indígenas. Nesse dia toda nossa agenda de atividades ficou suspensa. Fiquei em choque pois ali eu me dei conta de tudo o que estava acontecendo.

É preocupante um vírus desconhecido, não tem tratamento, cientistas no mundo inteiro estudam como o vírus ataca e se alastra, todos buscando uma vacina, uma cura. É tudo muito perturbador... assistimos os jornais e vemos a doença chegar cada vez mais perto... Minha mãe lembrou de como meus avós faziam quando surgia alguma doença. Ela relatou que, quando eram pequenos, todas as vezes que surgia alguma doença meus avós pegavam suas canoas, suas bagagens, embarcavam toda a família e partiam. Meu avô sempre escolhia uma ilha bem distante, longe da aldeia. Ele dizia que o isolamento era o melhor remédio e ali permaneciam durante meses, até tudo acabar. Depois retornavam para a aldeia, ninguém adoecia. De imediato minha mãe disse que nós todos iríamos nos isolar, sem ter contato, para não pegarmos a doença.

Durante este período de isolamento muita coisa mudou, os familiares de perto ficaram longe... Sempre que nossos parentes se deslocavam da aldeia para a cidade de Oiapoque nos traziam frutas, farinha e peixes, passavam, geralmente, dois dias. Nesses momentos colocavam as conversas em dia, sempre contavam histórias antigas e relembavam momentos vividos, quando meus avós ainda eram vivos. Hoje, a comunicação é só por WhatsApp, isso quando há internet. Não podemos ter contato diretamente, o medo de transmitir o vírus é grande, e de que chegue à aldeia é maior ainda. Sempre comento com meus irmãos que, um dia, nossos filhos vão ouvir relatos sobre o ano de 2020, o ano em que o mundo parou!

Com a chegada da Covid-19 muitos parentes que moram na cidade de Oiapoque deixaram suas casas e partiram para se isolar em suas aldeias, mas suas casas estão sendo invadidas, seus pertences roubados. Essa é mais uma problemática dos indígenas... Comecei a assistir ao noticiário todas as noites e tinham noites que nem dormia, aquelas notícias me assombravam. Hoje, só penso em nos manter afastados de todos os parentes, amigos, vizinhos... como forma de proteger minha família e a dos próximos também.

Oiapoque, Amapá, Brasil

24 de maio de 2020.